

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriana de Azevedo

ESCOLA E FAMÍLIA: JUNTAS NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Belo Horizonte
2010

Adriana de Azevedo

ESCOLA E FAMÍLIA: JUNTAS NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo curso de Pós Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a.dr^a. Mônica Correia Baptista.

Belo Horizonte

2010

RESUMO

Esta pesquisa aborda a importância que a leitura em especial a leitura de livros infantis tem na vida das crianças menores de seis anos. A importância de ler, não é restrita aos adultos, mas as crianças também devem ser incentivadas desde cedo à leitura. Oferecer livros para elas diariamente, incluindo-os como parte integrante da rotina das crianças é o primeiro passo para a formação inicial da criança no processo de leitura. Contudo esse plano de ação teve a pretensão de proporcionar vivência de práticas de leitura através do livro, através das relações sociais: criança-escola-livro e também família-criança-livro. Conhecer quais as práticas e concepções de leitura dos familiares das crianças, buscando analisar como essas ações estão presentes no cotidiano dessas crianças e ainda desenvolver situações educativas que visem a sensibilizar as famílias para a importância do ato de ler e contar histórias para crianças da primeira infância.

Palavras chaves: Leitura, livros, escola e família.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
2. Contextualização: A educação infantil no Brasil e em Belo Horizonte.....	7
2.1 O início do atendimento educacional da primeira infância	7
2.2 A educação infantil em Belo Horizonte	9
2.3 História da UMEI Oswaldo França Júnior	11
3. Educação infantil e a formação de leitores	16
3.1 Práticas de leitura literária na UMEI Oswaldo França Júnior	18
4. Plano de ação	20
4.1 Leitura em família	20
4.2 Quem são e o que lêem as famílias	28
5. O desenvolvimento do plano de ação	30
5.1 Leitura em família	30
Considerações finais	39
Referência	40
Anexo	43

1. INTRODUÇÃO

Na minha prática como docente da educação infantil, trabalhando com crianças do berçário ou com as de cinco anos, verifiquei que, independentemente da idade, as crianças gostam de manusear livros e revistas, visualizar as gravuras neles inseridas e de ouvirem histórias, inclusive de ouvir uma mesma história repetidas vezes. O ato de contar histórias é muito apreciado pelas crianças.

Ouvir histórias é uma grande possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. Através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo) e a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde aquele que está sendo vivido pela criança) [...] (ABRAMOVICH, 2005, p.17).

Vimos que a leitura está no dia-a-dia do ser humano há muitos séculos e que a criança desde pequena já é construtora do próprio conhecimento e sujeito com desejo de descoberta do mundo que a rodeia. Pensando e refletindo sobre este fato percebemos que o incentivo à leitura pode ocorrer antes mesmo do processo de alfabetização.

Nas situações de aprendizagem, observava que as crianças, ao ouvirem a leitura de um texto, estabeleciam uma relação de afeto e envolvimento entre texto/ouvinte/leitor. Além de ficarem mais acalmas, as crianças demonstravam interesse pela leitura e mantinham fixamente a atenção. Nessas atividades, as crianças se informavam sobre temas trabalhados, se socializavam, se educavam e tinham a oportunidade de elaborar de forma consciente ou não, por meio da fantasia, conflitos inerentes ao seu processo de crescimento.

Diante da minha experiência com o trabalho em instituições de educação infantil, percebi que para melhor trabalhar aspectos relacionados à leitura seria preciso conhecer as práticas, possibilidades e potencialidades de leitura com as quais as crianças interagem em seu meio familiar. Para que a escola forme leitores, é preciso um trabalho em conjunto com a família na qual a criança está inserida.

Este trabalho pretende identificar as práticas de leitura das famílias de crianças de quatro anos, as suas concepções em relação ao ensino e à aprendizagem da leitura em uma Unidade Municipal de Belo Horizonte (UMEI), de forma a compreender a relação da criança com a cultura escrita, e desenvolver situações educativas junto às crianças com vistas a sensibilizar as famílias para a importância do ato de ler e contar histórias em contextos escolares e familiares.

No primeiro capítulo, será apresentada a história da educação infantil no Brasil, em Belo Horizonte e a história da UMEI Oswaldo França Júnior. No segundo capítulo, será discutida a relação entre educação infantil e formação de leitores. No terceiro capítulo, será abordada a ação de intervenção que foi realizada em uma classe de crianças de quatro anos, que teve a pretensão de propiciar vivências de práticas de leitura através do livro, através das relações sociais: criança-escola-livro e também criança-família-livro. No quarto capítulo, será desenvolvido o trabalho de investigação e intervenção.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO: A Educação Infantil no Brasil e em Belo Horizonte

2.1. O início do atendimento educacional da primeira infância

Entre os séculos XVII e XVIII surgem as primeiras preocupações com a educação de crianças pequenas. A Revolução Francesa, ocorrida em 1789, reformou o sistema de ensino francês e, mais tarde, propagou por toda Europa a idéia de uma escola universal, gratuita, laica e obrigatória. Com o surgimento da burguesia, a Igreja Católica perde o poder, rompendo-se, assim, com as amarras do Antigo Regime. A partir do século XVIII, a burguesia revolucionária via na escola um instrumento importante para construção de uma nova ordem social e, como decorrência, viu-se a necessidade de elaborar novos métodos educacionais.

Romanelli (2003) destaca a proeminência da figura de Johann Heinrich Pestalozzi, no século XVIII, considerado o Educador da Humanidade. O sistema pedagógico de Pestalozzi visava propiciar à infância a aquisição dos primeiros elementos do saber, de forma natural, intuitiva e que a educação devia ocorrer em um ambiente mais natural possível, com disciplina e afeto, o que contribuiria para o desenvolvimento do caráter infantil. Por outro lado, o crescimento do comércio e mais tarde o surgimento da indústria impõem uma nova organização social na qual as mulheres passam a integrar a mão de obra com uma longa jornada de trabalho. Essas mulheres que não tinham com quem deixar seus filhos pequenos levavam-nos para trabalhar junto com elas nas fábricas.

No Brasil, a história das instituições de educação da criança pequena segue o seu curso com características semelhantes a outras nações ocidentais. Em 1875, surge o primeiro Jardim de Infância particular do Brasil, fundado por Menezes Vieira no Rio de Janeiro. Segundo Rosemberg (2003) apesar de ser uma instituição particular de ensino, cujo acesso se restringia às crianças de famílias ricas, Menezes defendia que os Jardins de Infância deveriam dar assistência às crianças negras libertas pelo ventre livre e às pobres. Entretanto, é somente no período republicano que surgem as creches públicas.

O primeiro Jardim de Infância público surgiu em 1896 na cidade de São Paulo vinte e um anos depois do surgimento do Jardim de Infância particular e em 1899 é fundado o IPAI-RJ (Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro), que mais tarde abriu filial em todo Brasil e nesse mesmo ano é inaugurada uma creche vinculada à fábrica de Tecidos Corcovado no Rio de Janeiro.

O surgimento das creches no Brasil buscou atender às necessidades das mães para que pudessem trabalhar nas indústrias ou como empregadas domésticas. As creches possuíam um caráter eminentemente assistencial (alimentação, higiene e segurança física). Nessa época, houve uma diferenciação em relação aos termos.

Aos poucos, a nomenclatura vai deixar de considerar a escola maternal como se fosse aquela dos pobres, em oposição ao Jardim de Infância, passando a defini-la como a instituição que atenderia a faixa etária dos dois aos quatro anos, enquanto o Jardim atenderia de cinco a seis anos. Mais tarde, essa especialização etária irá se incorporar aos nomes das turmas em instituições com crianças de zero a seis anos (berçário, maternal, jardim, pré) (KUHLMANN, 2000, p.482).

Com a aceleração dos processos de industrialização e urbanização, nas primeiras décadas do século XX, começa-se a pensar na educação infantil, sendo realizado, em 1920, o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção a Infância. Com a regulamentação do trabalho feminino em 1932 as empresas com mais de trinta funcionárias foram obrigadas, por lei, a terem creches. Esta medida foi mantida pela Constituição de 1988 no que se refere à educação infantil, que prevê creches gratuitas para crianças de zero a seis anos, destinadas a mães trabalhadoras.

A Lei de Diretriz e Bases de 1961 (4024/61) abordava timidamente a questão da educação infantil, afirmando que a educação pré-escolar se destinaria às crianças menores de sete anos, que deveriam ser atendidas em escolas maternais e Jardins de Infância.

Em 1965 registra-se a criação de 1.535 Jardins de Infância públicos e 1.785 particulares, mas o número de crianças fora da escola de zero a seis anos ainda era grande.

Segundo Vieira (2002), os Jardins de Infância públicos atendiam crianças de classe média e alta. A partir da década de 70 seu público se diversifica e passa-se a receber alunos de meios populares, por meio de programas compensatórios.

Na década de 80, foram realizadas as principais formulações sobre o atendimento à criança pequena como pertinente ao campo da Educação, tanto com o objetivo de assegurar a essa criança o direito de aceder ao conhecimento quanto com o objetivo de assisti-la nas suas demandas sociais.

Segundo Silva (2008), essa absorção pelo campo educacional só se fez possível em razão de se ter visto a Educação Infantil como direito da criança, e não apenas como necessidade de algumas famílias em busca da guarda e da educação das crianças pequenas.

Com a Constituição de 1988 as crianças de zero a seis anos passaram a ter direito à educação e ficou explícito o dever do Estado em garantir o atendimento em creches e pré-

escolas para essas crianças. A educação infantil passa a fazer parte da educação afastando-se da visão assistencialista. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, de 20 de dezembro, reafirmou as conquistas obtidas pela Constituição de 1988, reconhecendo a educação infantil como primeira etapa da educação básica. As profissionais que atuam na educação infantil (creches e pré-escolas) passaram a terem direitos e deveres equivalentes aos das profissionais de outras etapas da educação. Começa-se a exigir que as profissionais que atuam na educação infantil tenham no mínimo a formação em nível médio, na modalidade normal (LDB, art. 62). Os artigos referentes à educação infantil dentro do capítulo da Educação Básica ganharam uma seção própria. A LDB (Lei 9394/96) determinou as competências de cada ente da federação, atribuindo aos municípios, com cooperação técnica e financeira da União e do Estado ou Estados, a obrigatoriedade da oferta na educação infantil).

Conforme salienta Cury (1998), a Constituição de 88 inaugurou um direito, impôs ao Estado um dever, traduzindo algo que a sociedade brasileira já havia posto. Entretanto, a Constituição não trouxe a questão da educação infantil de qualquer maneira. Ela a introduz em seu artigo 30, com muita clareza, embora isto viesse a ser clarificado daí por diante como um espectro cada vez mais amplo.

2.2. A Educação Infantil em Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, na década de 80 existiam treze Jardins de Infância Municipais. O número de crianças atendidas era muito pequeno se comparado com a população da cidade que demandava esse serviço. As profissionais que atuavam nesses Jardins eram professoras da Rede Municipal dessa cidade. Essas escolas se destinavam apenas a crianças de quatro anos em diante. O atendimento a crianças menores de quatro anos era feito em instituições mantidas pela comunidade civil, algumas delas conveniadas com a prefeitura. Essas instituições atendiam também a crianças maiores (pré-escola e ensino fundamental).

O serviço de assessoria, acompanhamento, apoio e supervisão às instituições conveniadas e também às públicas era realizado pelos CEI (Centro de Educação Infantil) que integravam as equipes da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Os CEI foram criados em 1994 com o objetivo de possibilitar a formação em serviço dos profissionais

que atuavam com as crianças de até seis anos e assegurar que o atendimento educacional se orientasse pelo princípio do cuidar e do educar como práticas indissociáveis.

Embora o atendimento em creches e pré-escolas seja reconhecido desde 1988, pela Constituição Federal, e desde 1990 pela Lei Orgânica Municipal, como direito da criança pequena à educação, o conveniamento com instituições de educação infantil se caracterizava como um instrumento básico de execução dos programas municipais de Assistência Social.

Somente em 1998 o município instituiu o Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte (Lei Municipal nº 7.543, de 30 de junho de 1998) e criou o Conselho Municipal de Educação, órgão consultivo, deliberativo e normativo do Sistema. Uma das primeiras ações do Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte foi regulamentar a educação infantil, por meio da Resolução 01/2000. A regulamentação exigiu a constituição de estruturas públicas para fiscalização, supervisão, e acompanhamento das instituições. O processo de autorização de funcionamento das instituições de educação infantil obrigou a Secretaria Municipal de Educação a rever papéis, reformular antigas e estabelecer novas funções. Em 1999, a prefeitura definiu um novo formato de convênio gerenciado pela Secretaria Municipal de Educação. Este convênio foi estabelecido, em caráter de estudo piloto, com treze entidades comunitárias. Ao final da implantação e características básicas deste convênio foram avaliadas pelo GAME (Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais, da Faculdade de Educação da UFMG, na perspectiva de subsidiar definições do governo municipal referentes à política de conveniamento e a possível expansão deste formato).

Segundo Dalben (2002), de 1993 até 2001, a população infantil na capital perdeu 10.886 vagas na rede estadual e no mesmo período a rede municipal deixou de ofertar 707 vagas, o que configura perda total no período de 11.593 vagas públicas.

Muitas mudanças ocorreram a partir do final de 2001, quando a administração dos convênios, historicamente situada na Assistência Social, foi sendo progressivamente transferida para a Secretaria Municipal de Educação.

Em novembro de 2003, a prefeitura criou o cargo de Educador Infantil, exigindo que o candidato tivesse a formação no curso de magistério, nível médio, como determina a LDB 9394/96. A criação do cargo foi a forma como o poder público municipal encontrou para ampliar o atendimento à educação infantil pública. Assim, as vagas para crianças de zero a três anos só foram criadas e mantidas pelo município a partir de 2004, quando o então prefeito Fernando Damata Pimentel inaugurou as primeiras UMEI'S (Unidade Municipal de Educação Infantil).

Segundo informações fornecidas pela Secretaria Adjunta de Administração e Recursos Humanos, no início de 2006, 44% dos educadores que atuavam nas UMEI's possuíam curso superior completo e 14% possuíam curso superior incompleto.

2.3. História da UMEI Oswaldo França Júnior

Existia no Bairro São Gabriel, localizado na região nordeste da cidade de Belo Horizonte, os lotes nº 01 a 07, da quadra 29, entre as ruas São João da Serra, Rua Circular e Rua das Capoeiras que estavam destinados à implantação de um conjunto habitacional para moradores sem casa do bairro Betânia, ou seja, o terreno foi desapropriado para este fim, pelo decreto nº 8513, de 13 de dezembro de 1995.

Iniciou-se um processo de negociação envolvendo representantes da Prefeitura, da Escola Municipal Oswaldo França Júnior e das associações comunitárias dos bairros São Gabriel, Aarão Reis e Vila Esportiva, com o propósito de construir ali uma creche que servisse aos trabalhadores que não tinham onde deixar seus filhos. A população compreendendo que a construção de um conjunto habitacional traria prejuízos para a comunidade, uma vez que os serviços de saúde, educação e transporte eram precários para a população já existente no bairro, se organizou para mudar os planos do poder público e recebeu, na ocasião o apoio de vários vereadores da época.

No ano de 2002, Belo Horizonte tendo como prefeito o Sr. Fernando Damata Pimentel, revogou o então decreto e cedeu o espaço para a construção de uma escola de Educação Infantil para crianças de zero a cinco anos e oito meses e um centro de convivência para a Terceira Idade. A instituição educacional destinada a crianças de zero a cinco anos e oito meses foi inaugurada no dia 23 de agosto de 2004, com projeto arquitetônico modelo para as unidades infantis. A Unidade Municipal de Educação Infantil Oswaldo França Júnior vincula-se à Escola Municipal Oswaldo França Júnior.

A instituição atende 270 (duzentos e setenta) crianças de zero a cinco anos e oito meses, sendo 46 (quarenta e seis) em horário integral. As vagas, conforme norma definida pela Prefeitura para todas as UMEI's, são distribuídas de modo que 70% do total de alunos sejam de vulnerabilidade social e 30% por sorteio público. As vagas são compulsórias para as

crianças com algum tipo de deficiência física ou mental e para aquelas que se encontram sob medida de proteção.

TABELA 1

Distribuição de alunos por turno/horário:

NÚMERO DE CRIANÇAS ATENDIDAS	TURNO	HORÁRIO
46	Integral	7:00 às 17:20 h
112	Manhã	7:00 às 11:20 h
112	Tarde	13:00 às 17:20 h

TABELA 2

Distribuição de alunos por idade/turno:

NÚMEROS DE ALUNOS POR IDADE	TURNO	IDADE
14	Integral	0 a 12 meses
14	Integral	1 ano a 2 anos
18	Integral	2 anos a 3 anos
21	Manhã	3 anos a 4 anos
41	Manhã	4 anos a 5 anos
50	Manhã	5 anos a 5,8 meses
21	Tarde	3 anos a 4 anos
41	Tarde	4 anos a 5 anos
50	Tarde	5 anos a 5,8 meses

A UMEI Oswaldo França Júnior, possui um total de 49 (quarenta e nove) funcionários e a instituição conta com uma diretora (na escola núcleo), uma vice-diretora, duas coordenadoras pedagógicas, 31 educadoras, uma auxiliar de secretária, seis auxiliares de serviços, uma cozinheira, uma auxiliar de cozinha, uma lactarista, dois porteiros e dois vigias.

TABELA 3

Formação acadêmica das educadoras que trabalham na UMEI Oswaldo França Júnior:

FORMAÇÃO ACADÊMICA DAS EDUCADORAS	QUANTIDADE DE EDUCADORAS
Ensino Religioso (superior)	1
Filosofia	1
Letras	6
Normal Superior	8
Pedagogia	13 (sendo uma em curso)
Psicologia	2

TABELA 4

Formação acadêmica da direção da UMEI Oswaldo França Júnior:

FORMAÇÃO ACADÊMICA DA DIREÇÃO
Pedagogia

TABELA 5

Formação acadêmica da vice-direção da UMEI Oswaldo França Júnior:

FORMAÇÃO ACADÊMICA DA VICE-DIREÇÃO
Pedagogia (em curso)

TABELA 6

Formação acadêmica das coordenadoras da UMEI Oswaldo França Júnior:

FORMAÇÃO ACADÊMICA DAS COORDENADORAS PEDAGOGICAS
Letras
Normal Superior

A estrutura física da UMEI Oswaldo França Júnior é composta por:

- 1 estacionamento com piso de brita;
- 1 teatro de arena com palco com a parede azulejada e piso de cimento pintado, as arquibancadas de cimento pintado;
- 1 casinha de alvenaria composta de duas janelas, uma porta e telhado de madeira;
- 1 parquinho de madeira, constituído por 2 cavalinhos, 1 balanço com 7 lugares e 1 casinha de árvore com escorregador, 2 janelas e cordas para subir;
- 1 trilha de obstáculo de ferro;
- A instituição é rodeada por espaços sem cobertura, onde se encontram brinquedos de plástico: cavalinhos, jacarés, 1 tartaruga com tampa, 1 castelo, 1 casinha, 1 playground, 1 dinossauro de ferro;
- 1 playground com balanço e escorregador para o berçário;
- 1 hall de entrada com chão de cimento;
- 1 secretaria;
- 1 sala de coordenação/direção;
- 1 sala multiuso (vídeo, dvd, livros e jogos);
- 7 salas de aula arejadas, com uma porta de madeira, uma porta grande de vidro com abertura em duas folhas e vidros na lateral e janelas acima da porta de madeira;
- 1 sala de berçário, composta por dois ambientes: 1 sala de atividades e 1 de repouso contendo 12 berços;
- 1 fraldário contendo uma banheira suspensa com armários em baixo e um tanque;
- 1 sala dos professores contendo um computador com impressora, uma geladeira, um forno de microondas e uma mesa com oito cadeiras;
- 2 banheiros infantis (0 á 3 anos) masculino e feminino;
- 2 banheiros infantis (3 á 5 anos e 8 meses) masculino e feminino;
- 2 banheiros adultos
- 1 depósito de lixo;
- 1 cozinha;
- 1 refeitório;
- 1 dispensa;
- 1 câmara fria;
- 1 lavanderia;

- 1 mini-vestiário para auxiliar de serviços.

Segundo consta no documento que expressa a Proposta Pedagógica, a UMEI Oswaldo França Júnior tem como fundamento o trabalho com a identidade cultural brasileira, garantia da igualdade de tratamento, do respeito às diferenças, a busca pela qualidade do atendimento e pela garantia da liberdade de expressão. Tem como pressuposto básico o fato de que o conhecimento é uma construção da própria criança em interação com o ambiente, em constante processo de adaptação. Nesse processo a criança é sujeito ativo, que troca informações, constrói hipóteses, categoriza e organiza suas normas e limites, junto ao grupo no qual está inserida.

O objetivo da instituição é favorecer um ambiente em que a criança tenha contato com diversos portadores de texto, fornecendo meios para que as mesmas construam seu senso crítico e sua consciência, enquanto sujeito-sócio-cultural. A proposta pedagógica tem como objetivo atender da melhor maneira as necessidades individuais das crianças e favorecer a organização do cotidiano da instituição, desta forma busca-se a interação como elemento vital para o desenvolvimento, favorecendo o contato entre as diferentes faixas etárias, como momentos da rotina que integram o grupo. Aspecto que favorece um bom desempenho das atividades e promove a socialização das crianças.

3. A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Muito se discute acerca do momento em que a literatura infantil começou a ser empregada com a intenção de as histórias serem apropriadas pelas crianças e de serem utilizadas como instrumentos pedagógicos, levando-se em consideração os aspectos da sua evolução mental e emocional.

De acordo com Salem (1970), no século XIX a criança começa a ser considerada pelas ciências - psicologia, sociologia e a educação como um ser diferente do adulto, com capacidades e necessidades próprias ao seu gradativo desenvolvimento. Baseadas nesses estudos surgem diversas obras literárias destinadas à infância. A partir do começo do século XIX, as obras infantis passam a apresentar uma feição moral e didática.

Por volta de 1762, Rousseau considerava que a criança era um ser diferente do adulto, que devia ser educado de acordo com sua própria capacidade, a partir desta idéia ele cria o Naturalismo (teoria educativa, da própria natureza das crianças). A teoria de Rousseau constitui a base do desenvolvimento educacional do século XIX.

Com a Revolução Francesa em 1789, fez-se a revolução literária. Foi um período áureo da literatura infantil. Surgiu nessa época a literatura infantil propriamente dita e muitos dos contos que então surgiram são hoje considerados como clássicos da literatura infantil. A segunda metade do século XIX caracterizou-se pela literatura infantil propriamente dita, pura, sem preocupação didática, mas conseguindo agradar simplesmente pela arte de despertar o interesse e prender a atenção da infância. No Brasil em meados do século XX surgiram inúmeros autores, que juntamente com originais seus, apresentaram traduções dos contos que iniciaram a literatura infantil propriamente dita, tais como: Alice no país das maravilhas, Pinóchio, Juca e Chico, Contos da Carochinha, O mágico de OZ, Peter Pan, Viagem maravilhosa de Nils, Robinson Suíço e outros.

Não apenas a leitura literária integra o cotidiano infantil como também outros tipos de textos estão presentes no dia-a-dia da criança. A criança desde pequena já é construtora do próprio conhecimento e sujeito com desejo de descoberta do mundo que a rodeia. Em relação à linguagem escrita, a criança também manifesta desde a mais tenra idade o desejo de compreender esse objeto do conhecimento e dele se apropriar.

Para Abramovich (1995), as histórias estimulam e enriquecem o vocabulário infantil, desenvolvem a linguagem, possibilitam à criança vivenciar novas experiências e ajudam-nas a descobrirem-se como sujeitos, permitindo a elas enfrentarem de maneira saudável seus medos

e angústias, ao mesmo tempo em que ampliam seu conhecimento de mundo e expressão. Desta maneira, o ato de ouvir ou ler histórias, facilita a compreensão e a elaboração do pensamento, estimula a imaginação, ajuda o leitor a conquistar novos conhecimentos, cultivando experiências e ampliando seus horizontes. Além de gostosas de ouvir, as histórias permitem o desenvolvimento de conceitos, da função simbólica da criança e ajudam na (re) elaboração de sentimentos. Desenvolve no leitor a imaginação, a compreensão de valores, a influência verbal, o desenvolvimento do raciocínio lógico, da criatividade, da própria leitura e da socialização, o ensinamento de conceitos morais entre outros.

O contato com a literatura desde a mais tenra idade, contribui, assim, para a formação de crianças leitoras. As histórias devem ser contadas não só para aqueles que sabem ler. A criança toma conhecimento do texto escrito ouvindo histórias de livros. Através das histórias as crianças podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser. Segundo Conde (1996) ouvir e inventar histórias retira a criança da realidade imediata, transportando-a para um mundo onde seus medos, anseios e desejos podem se tornar realidade. A identificação da criança com o personagem permite que ela entenda o mundo a sua volta e que reelabore sentimentos.

Ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo. O primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou avós, contando histórias inventadas ou não. (ABRAMOVICH, 1995, p.16)

Os livros de contos infantis devem ser lidos e conhecidos, mais do que qualquer outro, por aqueles que educam uma criança. Não só na escola pelo professor, mas também no lar. (CARVALHO, 1982, p.19)

Para Kaufman (1995), a escola como mediadora cultural, apresenta-se como fundamental na formação desses leitores. É preciso conhecer as práticas, possibilidades e potencialidades de leitura com as quais as crianças interagem em seu meio familiar. Por isso, para que a escola forme leitores, é preciso um trabalho em conjunto com a família. É preciso que a leitura seja apreciada e vivenciada no ambiente familiar e na escola de forma que a prática de ler livros estimule o imaginário, a conquista de novos conhecimentos, cultivando experiências e ampliando os horizontes da criança.

É importante destacar ainda que a leitura se torna mais fácil quando feita com prazer. Segundo Abramovich (1995) a criança que não adquire o prazer de ler terá dificuldade em fazê-lo quando adulta. A introdução de uma criança na leitura tem a ver com a sua entrada no universo da fantasia, ao ler a criança estará iniciando e desenvolvendo sua crítica.

Precisamos provocar nas crianças esse desejo pelo objeto a ser aprendido. Pelo desejo e pelo prazer, a criança enfrenta e vence seus desafios, desdobra-se em esforços para buscar, por si mesma, o prazer da leitura.

A literatura infantil rompe as barreiras entre a vida real e a imaginação, tornando-se um elo e um desafio já que se constitui de fantasias e encantamentos. Através da literatura conseguimos despertar as crianças para os valores estéticos e humanos, além de oferecer entrosamento, recreação e aprendizagem. Um dos instrumentos que dispomos são os contos de fadas, que exercem um fascínio em todas as idades.

No encontro com a literatura os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, 2000, p.25)

Também é importante que o professor seja um leitor para que possa transferir para a criança a paixão, o maravilhamento, o encantamento, a emoção, a tristeza, o riso, o pique, a taquicardia que o livro lhe provocou. (ABRAMOVICH, 1995, p. 8)

O gosto pela leitura, à vontade de pegar o livro, ver e sentir o ambiente de contar histórias e a mágica criada nesse momento não são provocadas apenas pelo significado psicológico e pedagógico desta atividade, mas também de aproximação das artes por meio da qualidade literária destes objetos. Desta maneira cada pessoa personificará emoções diferentes, encontrará significados diversos, e um mesmo livro gerará sensações diferentes dependendo dos momentos e ciclos de vida.

3.1. Práticas de leitura literária na UMEI Oswaldo França Júnior

A contação de histórias é uma prática das professoras da UMEI Oswaldo França Júnior desde a inauguração. Escutar e criar história também são atividades corriqueiras para as crianças da nossa instituição. Compreendemos que a leitura deve ser valorizada como fonte de prazer e entretenimento.

Diariamente é realizado no início das nossas atividades o "rodão". Esta atividade é organizada e desenvolvida pelo coletivo da escola e se constitui de várias situações de aprendizagem, sendo uma delas a contação de histórias. Essas histórias são contadas ou encenadas tanto pelas professoras quanto pelos alunos.

As professoras elaboram projetos que envolvem a leitura e a escrita de acordo com a faixa etária de cada turma. Esses projetos são desenvolvidos de uma forma lúdica e em parceria com as famílias e com outras turmas, participando crianças da mesma faixa etária ou não.

Consideramos que as práticas de leitura realizadas pela escola para as crianças possuem um valor em si mesmo, não sendo, portanto, necessário propor atividades subsequentes, como o desenho, por exemplo.

Na escola, pode-se constatar uma variedade de espaços e ações que potencializam práticas de leitura literária diferenciadas. Em relação aos espaços de trabalho com a leitura, buscamos evidenciar, por um lado, os espaços da escola como um todo e, por outro lado, o espaço da sala de aula.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura. (BRASIL, 1998, p.141).

4. PLANO DE AÇÃO:

4.1. Leitura em família

Este plano de ação teve a pretensão de proporcionar vivência de práticas de ``leitura contada`` através do livro e através das relações sociais: criança-escola-livro e também criança-família-livro.

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de vinte crianças com a idade de quatro anos, do turno da tarde da UMEI Oswaldo França Júnior que já estão inseridas no contexto escolar há mais de dois anos.

Para dar início ao projeto foi feito uma convocação dos pais e responsáveis, através de bilhete na agenda, com o objetivo de esclarecer quais os motivos e intenções para a realização deste projeto. Com esse encontro pude perceber o interesse dos pais e responsáveis em participarem desta atividade. Mesmo havendo solicitado previamente, não houve nenhuma sugestão ou proposta de mudança por parte dos mesmos.

O segundo passo foi aplicar um questionário, que foi enviado a casa de cada aluno, para que uma pessoa do convívio familiar da criança respondesse. Esse questionário foi elaborado com perguntas que, além de pretender caracterizar os pais em relação à classe social, escolaridade, buscou também identificar quais as práticas culturais desses sujeitos.

Foi entregue um questionário por família, totalizando vinte questionários. Destes vinte questionários entregues dezoito retornaram preenchidos e duas famílias não enviaram o mesmo para a escola.

Procurei identificar o hábito de leitura das famílias através de um questionário simples e de conversas em reuniões com pais/ mães. Isto nos permitiu conhecer um pouco mais da realidade das crianças fora da escola.

TABELA 7

Dados sobre os entrevistados:

Família entrevistada	Grau de parentesco	Escolaridade	Ocupação
1	*Mãe	Fundamental C.	Do lar
	Pai	Médio c.	Motoboy

2	*Mãe	Médio c.	Vendedora
	Pai	Analfabeto	Não declarado
3	*Mãe	Médio I.	Desempregada
	Pai	Falecido	Falecido
4	*Mãe	Fundamental C.	Afastada INSS
	Pai	Médio I.	Não declarado
5	Mãe	Não declarado	Não declarado
	*Pai	Fundamental I.	Armador
6	*Mãe	Médio c.	Desempregada
	Pai	Médio I.	Não declarado
7	*Mãe	Fundamental I.	Do lar
	Pai	Fundamental I.	Vigia de carro
8	*Mãe	Fundamental I.	Cabeleireira
	Pai	Não declarado	Não declarado
9	*Mãe	Médio c.	Atendente
	Pai	Fundamental I.	Não declarado
10	Mãe	Médio c.	Op. de caixa
	*Pai	Médio I.	Aux. Mecânica
11	*Mãe	Fundamental c.	Do lar
	Pai	Fundamental I.	Motorista
12	*Mãe	Analfabeta	Domestica
	Pai	Médio I.	Autônomo
13	*Mãe	Médio c.	Desempregada
	Pai	Fundamental I.	Autônomo
14	*Mãe	Fundamental I.	Do lar
	Pai	Fundamental I.	Autônomo
15	*Mãe	Médio c.	Aux. Contábil
	Pai	Médio C.	Não declarado
16	Mãe	Médio c.	Balconista
	*Pai	Médio I.	Corretor
17	Mãe	Fundamental I.	Faxineira
	*Irmã	Fundamental I.	Estudante
18	*Mãe	Médio c.	Balconista
	Pai	Fundamental I.	Não declarado

* Pessoa que respondeu o questionário.

Das dezoito pessoas que responderam o questionário, quatorze foram respondidos pelas mães, três pelos pais e um pela irmã.

Podemos constatar que a maioria destas famílias, as mães possuem escolaridade superior a do marido, sendo que a maioria delas possui nível médio e os pais em sua maioria ensino fundamental.

A renda mensal de dezessete pessoas que responderam o questionário foi de menos de cinco salários mínimos e uma pessoa não declarou. Tanto os pais quanto as mães trabalham em atividades de baixa remuneração.

Em apenas uma composição familiar, a mãe não está presente. Das dezoito famílias, em oito delas os pais estão separados e um pai é falecido.

TABELA 8

Dados sobre a condição de moradia, bens de consumo duráveis e número de pessoas que vivem com a criança:

Nº de moradores	Situação da moradia	Nº de TV	COMPUTADOR	Nº DVD
4	Cedida	1	0	0
11	Cedida	1	0	1
3	Própria	2	1	1
4	Alugada	1	1	1
3	Cedida	1	0	1
3	Alugada	1	0	0
2	Própria	2	0	0
5	Própria	1	0	1
5	Alugada	1	0	1
6	Própria	1	0	1
7	Própria	2	1	1
2	Alugada	2	1	1
5	Cedida	1	0	1
7	Cedida	2	1	1
4	Cedida	2	0	1
4	Própria	2	1	1

5	Alugada	2	1	1
3	Própria	1	0	1

A composição familiar na maioria delas é numerosa e com baixo poder aquisitivo e, ainda assim, a maioria tem acesso à televisão, computador e DVD.

TABELA 9

Práticas culturais dos entrevistados:

Legenda: 1-Nunca 2- Raramente 3- Regularmente 4- Frequentemente

Entrevistado	Teatro	Cinema	Internet	Loca filme	Museu	Assis. TV	Vai à biblioteca	O que o entrevistado gosta de lê
1	2	2	3	1	1	4	1	Bíblia e livros de alto ajuda.
2	1	2	1	2	1	4	1	Jornais e livros de alto ajuda.
3	1	2	3	2	1	4	2	Bíblia, jornais e revistas.
4	1	1	3	1	1	4	1	Bíblia, jornais e revistas.
5	1	2	1	3	1	4	1	Bíblia, livros, jornais e revistas.
6	2	2	3	3	2	4	2	Jornais, revistas, bíblias e livros.
7	1	1	1	2	1	4	2	Bíblia, jornais e revistas.
8	1	1	1	3	1	4	1	Bíblia
9	1	2	3	2	1	4	2	Jornais, revistas, bíblia e livros.
10	1	1	3	3	1	4	2	Bíblia, jornais e livros.
11	1	1	3	2	1	4	1	Jornais e bíblia
12	1	2	3	4	1	4	2	
13	1	1	1	4	1	4	1	Jornais, livros de alto ajuda e livros.
14	1	1	4	2	1	4	1	Livros
15	1	2	3	2	2	4	1	Bíblias, jornais e revistas.
16	2	2	4	1	2	4	2	Jornais, revistas e livros.
17	1	1	3	2	1	4	1	Livros e jornais.
18	1	2	1	2	1	4	1	Jornais, bíblias e gibis.

Dos dezoito entrevistados quinze informaram que nunca foram ao teatro e três raramente. O cinema, o museu e a biblioteca são recursos culturais pouco usados por eles, dez informaram que nunca foram ao cinema e à biblioteca, treze nunca foram no museu. Todos assistem frequentemente a tv. Através destes dados podemos constatar que as famílias priorizam a televisão como o maior meio de entretenimento, cultura e lazer. Mesmo sendo famílias de baixa renda quase a metade delas (oito famílias) possui mais de um televisor. Apenas sete entrevistados informaram possuir computador, mas doze deles informaram acessar a internet regularmente.

TABELA 10

A freqüência com que os entrevistados costumam ler portadores de texto:

Legenda:1-Nunca 2- Raramente 3- Regularmente 4- Frequentemente

Entrevistado	Jornais	Revistas	Bíblia	Livros	Gibis	Livro de auto-ajuda
1	3	2	4	2	2	4
2	3	3	2	2	2	2
3	4	3	3	4	3	4
4	4	3	4	4	4	2
5	1	1	1	1	1	1
6	4	2	4	2	2	1
7	4	3	4	3	1	2
8	1	1	3	1	1	1
9	4	2	4	3	3	4
10	4	3	3	3	3	3
11	1	2	2	2	1	1
12	2	2	3	2	1	1
13	3	3	4	2	2	2
14	4	2	2	2	2	1
15	4	2	3	2	2	3
16	3	1	1	3	2	1
17	1	1	1	3	1	1
18	4	3	4	2	2	3

Das dezoito pessoas que responderam o questionário quatorze informaram gostar de lê, mas apenas quatro recordam dos três últimos livros que leu e apenas três estão lendo algum livro atualmente.

De uma forma geral constatou-se que as preferências de leitura dessas pessoas são variadas com usos e funções diferenciadas: leitura de textos religiosos, livros de auto-ajuda, auxílio a memória e busca de informações. A leitura de livros não é uma prática constante, nem aparece em todas as famílias. O livro está presente em famílias que encontram um significado para a sua leitura, seja por prazer, relaxamento, solução de problemas do cotidiano, atendimento às exigências profissionais ou indicação escolar.

TABELA 11

Informações sobre as práticas culturais das crianças:

Legenda: 1-Nunca 2- Raramente 3- Regularmente 4- Frequentemente

Criança	Assistir TV	Brincar na rua	Cinema	Teatro	Visitas à casa de parente	Vídeo Game
1	4	4	1	1	4	4
2	4	4	2	1	4	3
3	4	3	1	1	3	1
4	4	4	1	1	3	4
5	4	3	1	1	3	4
6	4	3	2	1	2	3
7	4	3	1	1	3	4
8	4	3	1	1	3	4
9	4	3	1	1	2	3
10	4	4	1	1	2	3
11	4	3	1	1	3	3
12	4	4	1	1	2	2
13	4	2	1	1	2	1
14	4	4	1	1	2	2
15	4	2	1	1	2	1
16	4	3	2	2	3	4
17	4	3	1	2	3	1
18	4	2	1	1	2	4

Todas as crianças assistem televisão mais de duas horas por dia, o programa predileto delas é o desenho animado, a segunda atividade que elas mais fazem é brincar na rua e regularmente vão a casa de parentes nos fins de semana. As crianças foram pela primeira vez ao cinema e ao teatro através de passeios oferecidos pela escola.

TABELA 12

A frequência com que às crianças manipulam os portadores de texto:

Legenda:1-Nunca 2- Raramente 3- Regularmente 4- Frequentemente

Criança	Jornais	Revistas	Bíblia	Livros	Nº de livros que tem em casa	Gibis
1	1	1	4	4	Mais de 10	3
2	2	3	3	4	Entre 6 e 10	3
3	1	1	3	4	Entre 6 e 10	3
4	1	1	1	4	Entre 6 e 10	2
5	1	1	1	4	Mais de 10	1
6	1	3	3	4	Entre 6 e 10	4
7	1	1	1	4	Mais de 10	1
8	1	1	1	4	Mais de 10	1
9	1	1	3	4	Entre 6 e 10	4
10	1	2	1	4	Mais de 10	2
11	1	2	2	4	Mais de 10	2
12	1	1	1	4	Mais de 10	1
13	1	3	1	4	Entre 2 e 5	2
14	1	1	1	4	Entre 2 e 5	1
15	2	1	1	4	Entre 6 e 10	4
16	3	3	2	4	Mais de 10	3
17	3	2	2	4	Mais de 10	3
18	3	3	3	4	Mais de 10	1

É interessante observar que todo ano a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte envia para os alunos um kit literário¹ contendo em média quinze exemplares. Os alunos estão na

¹ O kit literário é fornecido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte desde 2009. É entregue um kit contendo em média dez livros de literatura infantil para cada aluno da educação infantil no início de cada ano.

escola há mais de dois anos, sendo assim, esperava-se que todas as crianças tivessem no mínimo mais de dez livros em casa. Através do projeto ``Leitura em família`` as crianças utilizaram os livros do kit e leram em média 34 livros de literatura infantil durante o ano.



Figura 1: livros do kit literário

TABELA 13

Expectativa do entrevistado em relação à aprendizagem da criança em relação à leitura e à escrita na educação infantil.

Entrevistado	Resposta Para a pergunta: As crianças devem aprender a ler e escrever na educação infantil?	Comentário
1	Sim	Não comentou.
2	Não	A criança não tem que saber ler e escrever na educação infantil, mas que pelo menos saiba escrever o seu primeiro nome. A criança tem capacidade.
3	Sim	Não comentou.
4	Sim	Se a criança começa desde pequena é incentivada e jamais deixa esses costumes, é claro quando crescer será bem mais inteligente e os erros de português serão menores.

5	Sim	A educação infantil é o começo de tudo, nessa fase a criança aprende as coisas com mais facilidade.
6	Sim	Garante uma educação melhor.
7	Sim	Faz parte da nossa integridade e índole futura!
8	Sim	Porque ali ele já está acostumado com as educadoras e para ele já é uma escolinha.
9	Sim	Não comentou.
10	Sim	Porque assim elas terão mais interesse de ir para a escola.
11	Sim	Porque a unidade de ensino é um ótimo lugar e acima de tudo muitas pessoas dedicadas.
12	Não	Não comentou.
13	Sim	Para quando for para o grupo ter uma noção da escrita.
14	Não	Se aprendesse seria bom para o seu desenvolvimento, mas prejudicaria a infância e sobrecarregaria as profissionais que cuidam dela.
15	Sim	Porque quando as crianças chegam à escola, elas ficam perdidas e as professoras não têm paciência com os que ficam perdidos.
16	Sim	Porque nunca é cedo demais para o aprendizado.
17	Sim	Não comentou.
18	Sim	Porque é o tempo que elas têm.

Dos 18 entrevistados apenas 3 não concordam que as crianças aprendam a ler e escrever na educação infantil e 15 concordam porque segundo eles é na primeira infância que as crianças tem mais facilidade de aprender, que nunca é cedo demais para o aprendizado, que nesta faixa etária as crianças estão mais motivadas e para que elas cheguem preparadas no ensino fundamental.

4.2. Quem são e o que lêem as famílias

Quanto à estrutura familiar, constatamos que seis famílias são compostas por pai, mãe e filhos; cinco famílias são compostas por mãe e filhos e seis famílias são compostas por pai ou mãe, tios (as), primos (as), irmãos e avós. Em apenas uma composição familiar a mãe não

está presente. Em oito das famílias os pais estão separados e um pai é falecido. Seis das crianças não têm irmãos.

Seis famílias informaram morar em casa cedida, 7 em casa própria e cinco em casa alugada. Todos moram no bairro São Gabriel. O número de cômodos das casas varia de dois a seis, sendo todos com atendimento de água, luz, coleta de lixo e saneamento básico.

Com relação ao nível de escolaridade dos pais, um pai é analfabeto, um tem ensino fundamental completo, sete possuem ensino fundamental incompleto, dois têm ensino médio completo, quatro têm ensino médio incompleto, um pai é falecido e a escolaridade de dois pais não foi informada. Quanto às mães, uma delas é analfabeta, três possuem ensino fundamental completo, três têm ensino fundamental incompleto, oito possuem ensino médio completo, duas têm ensino médio incompleto e o grau de escolaridade de uma mãe não foi informado.

Quanto à ocupação profissional, seis pais e uma mãe não declararam. Os demais possuem profissões variadas, que, em geral, possuem baixo rendimento, tais como: Motoboy, armador, vigia de carro, auxiliar de mecânica, motorista, corretor de seguro, autônomo, do lar, vendedora, cabeleireira, atendente, operadora de caixa, faxineira, doméstica, auxiliar contábil e balconista. Uma mãe está afastada pelo INSS e duas estão desempregadas.

As rendas familiares, segundo declararam os entrevistados, é menor do que cinco salários mínimos.

As práticas de leitura familiares possuem usos e funções diferenciadas: busca de informações com a leitura de revistas e jornais, auxílio à memória, leitura de textos religiosos, atividades escolares e lazer. Entretanto, observa-se o predomínio da leitura religiosa e de auto-ajuda. Também se constata que a leitura de livros não é uma prática constante, nem aparece em todas as famílias. Por outro lado, essa prática não está restrita a um tipo de família em particular, tampouco é definida por um tipo de moradia ou um determinado nível econômico ou de escolaridade dos pais. A partir da aplicação do questionário percebemos que a grande maioria das mães possui hábito de leitura, principalmente livros e revistas. Já entre os pais a leitura é menos praticada, mas alguns têm o costume de ler jornais.

Em relação à leitura das crianças, evidenciou-se que o acesso ao livro literário, propriamente dito, só se mostrou possível por meio da escola, ou seja, através do kit literário fornecido pela Prefeitura e deste projeto, ``Leitura em família``, que criou o clube da leitura com empréstimo dos livros de um aluno para o outro.

5. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

5.1 Leitura em família

O primeiro passo foi criar O Clube da Leitura.

Para a criação deste clube foi necessário que todas as crianças trouxessem um livro de literatura infantil de escolha da família e uma pasta Brasil, tamanho ofício.



Figura 2: livros que os alunos trouxeram para o acervo do clube do livro.

Os livros que os alunos trouxeram para montar o clube do livro foram: Um dragão chamado João, Noite escura, Joãozinho e o pé de feijão, Iara a capivara, A ovelha Dorinha, A rebelião dos macacos, A descoberta de Isabelle; Um dia de abelha, A viagem de Preguicinha; Breno! Breno!; Tubão, o tubarão; Fugindo do banho; Quem tem medo do novo?; Clara; Rodrigo, o porco espinho; Filhote de fada; A ovelha Isolda; Uma aventura no céu; O mistério da cobra do céu; E agora vão tomar meu lugar; O que os meninos fazem e o que as meninas

fazem; Cabeça de vento coração atento; Deu à louca na floresta; O ratinho preguiçoso; O destino de Pingo; Grandão, o dragão; Flora, a girafinha curiosa; O gatinho Roni; O homem que amava caixas; João boboca ou João sabido; O sol e a lua; A gotinha Plim Plim; Quem roubou a alegria do palhaço?; A casa que andava; A descoberta do caracol; A abelhinha Julita; A vida na fazenda; A vaquinha Ludimila. A participação das crianças foi bastante expressiva, tendo todas elas contribuído com mais de um livro para a montagem do clube do livro,

A sexta-feira foi o dia estipulado para que as crianças levassem um livro de sua escolha para ser lido por uma pessoa da família. Para que a criança escolhesse o título desejado, os livros eram expostos em cima de algumas mesas e as crianças eram aconselhadas pela professora a escolherem livros que ainda não tinham sido levados para casa. Após a opção feita pela criança, eram preenchidos pela professora os dados referentes ao título do livro e a data de escolha dos mesmos.



Figura 3: Aluno escolhendo livro para ler em casa.

TABELA 14

Dados informados no portfólio:

Criança	Quem leu a história			Horário em que a história foi lida			Local onde a história foi lida		Quem leu a história já a conhecia	
	Mãe	Pai	Outros	Manhã	Tarde	Noite	Em casa	Em outro lugar	Sim	Não
1	18	2	0	19	0	1	18	0	18	0
2	13	0	7 (Avó)	0	8	12	20	0	13	7
3	0	1	19 (Irmã)	0	5	15	20	0	9	11
4	18	0	0	10	0	8	18	0	1	17
5	7	0	7(Irmã)	8	6	0	14	0	2	12
6	18	0	0	0	0	18	18	0	4	14
7	15	2	0	0	0	17	17	0	12	3
8	20	0	0	0	0	20	20	0	0	20
9	9	0	11 (Irmã)	20	0	0	20	0	11	9
10	13	7	0	10	0	10	20	0	16	4
11	20	0	0	0	0	20	20	0	4	16
12	20	0	0	0	0	20	20	0	20	0
13	20	0	0	12	0	8	20	0	7	13
14	20	0	0	0	0	20	20	0	18	2
15	20	0	0	20	0	0	20	0	20	0
16	18	0	0	3	0	15	18	0	17	1
17	15	3	0	0	0	18	18	0	3	15
18	16	4	0	0	0	20	20	0	20	0
19	18	2	0	12	0	8	20	0	17	3
20	20	0	0	0	0	20	20	0	11	9

É importante destacar que setenta por cento das leituras foram feitas pelas mães, o que reforça a idéia de que ainda é atribuído às mulheres um papel proeminente na educação dos filhos, a despeito de toda a transformação ocorrida nas famílias, sobretudo nas últimas décadas, nas quais as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho. Os horários de leitura das histórias variavam entre os turnos da manhã, tarde e noite, indicando que essa atividade dependia da disponibilidade de quem lia.

A pasta Brasil foi solicitada para que o livro e o caderno do portfólio individual tivessem uma melhor conservação. Na parte interna da pasta Brasil foi fixada a orientação para o uso dos mesmos e na parte externa o nome da criança. Constavam as seguintes orientações: Procurar um local tranquilo e arejado para fazer a leitura do livro, preencher o roteiro de perguntas após ler o livro e cuidar para que o material não sumisse ou estragasse.

Foi confeccionado um caderno portfólio para cada criança para anexar as atividades principais do projeto, contendo na capa, o desenho de uma família colorido pelas crianças e o título do projeto Leitura em Família. A página seguinte continha o roteiro de perguntas, algumas direcionadas para o narrador da história e outras direcionadas para a criança.

Roteiro de perguntas:

- 1- Nome do livro escolhido;
- 2- Nome do autor do livro;
- 3- Quem contou a história para a criança;
- 4- Qual grau de parentesco com a criança;
- 5- Em que lugar foi contada a história;
- 6- Qual horário a história foi contada;
- 7- Pergunte para a criança se ela gostou da história e por quê?
- 8- Qual personagem a criança mais gostou e por quê?
- 9- Qual personagem a criança menos gostou e por quê?
- 10- Quem leu a história para a criança já a conhecia
- 11- A criança pediu para ler a história novamente?

Na página do roteiro foi reservado um espaço para que fosse colocada a data que a criança estava levando o livro para casa.

A segunda-feira era o dia estipulado para a devolução da pasta Brasil com o material do projeto. Neste dia era realizada uma roda de conversa onde todas as crianças falavam de suas experiências e emoções com o livro escolhido. Também se reforçava junto às crianças a importância do cuidado com o livro que estava sendo levado para casa, pois o mesmo era apenas um empréstimo que um colega fazia para o outro e que, ao final do projeto, o mesmo deveria ser devolvido ao dono da mesma forma como ele havia emprestado no início do projeto. Com o relato das crianças, alguns livros passaram a ser o “xodó” da sala como o livro Noite escura e Um dragão chamado João. Todos os alunos brigavam para levá-los para casa, tivemos que fazer uma lista para organizar a vez de quem levaria.

Na quarta-feira as crianças ouviam histórias de livros que não eram do projeto “Leitura em família”, essas histórias eram contadas pela professora e depois a mesma era recontada por um ou mais alunos.



Figura 4: contação de história na escola.

Na quinta-feira era realizado o reconto da história lida em sala no dia anterior por todos os alunos e a partir desse reconto eram trabalhadas as grandes áreas previstas no Projeto Político Pedagógico da UMEI: linguagem oral e escrita, movimento, natureza e sociedade, conceitos matemáticos, arte e música. O principal instrumento na contação de história era o livro, mas também foram utilizados CDs e DVDs que narravam Histórias como: Chapeuzinho vermelho, os três porquinhos; O gato de botas e outras. Em algumas situações, foram utilizados fantoches, peças teatrais e interpretação corporal.



Figura 5: alunos recontando histórias com fantoche.

Foram feitos dois passeios. Um foi à Editora Ática, onde as crianças puderam conhecer como é o processo de fazer um livro, conheceram as dependências da editora e ouviram histórias. O segundo passeio foi uma visita que fizemos à biblioteca da Escola Municipal Oswaldo França Júnior. Lá as crianças viram como é uma biblioteca e como se comportar. As crianças ficaram impressionadas de verem tantos livros juntos na biblioteca, pois as UMEI's não possuem biblioteca.



Figura 6: passeio a Editora Ática



Figura 7: visita a biblioteca da Escola Oswaldo F. Júnior.

A culminância do projeto se deu através de um amigo livro (uma espécie de amigo oculto). Os alunos presentearam uns aos outros com um livro.



Figura 8: entrega do amigo livro.

Como afirmamos anteriormente, a contação de história é uma prática das professoras da UMEI desde sua inauguração. Escutar e criar histórias também são atividades corriqueiras para crianças da nossa escola. Mas o que procuramos proporcionar com esse projeto?

Nosso objetivo principal foi o de ampliar as possibilidades de as crianças entrarem em contato com a leitura literária tanto no ambiente escolar quanto no contexto familiar. Sabe-se que ouvir e inventar histórias retira a criança da realidade imediata, transportando-a para um mundo onde seus medos, anseios e desejos podem se tornar realidade. A identificação da criança com os personagens permite que ela entenda o mundo a sua volta e que reelabore sentimentos.

Segundo Conde (1996): Bruno Bettelheim considera os contos de fadas uma espécie de texto ideal para as crianças, por conterem elementos capazes de despertar-lhes um convívio mais saudável com as questões íntimas de natureza emocional.

(...) Sua principal função realiza-se no nível afetivo, dando oportunidade às crianças de lidar simbolicamente com seus impulsos, suas culpas, seus desejos, seus medos – seu mundo interno – através da identificação com as personagens e situações conflituosas que caracterizam esse tipo de histórias.

Tendo em vista tudo isto, podemos mencionar alguns dos resultados obtidos a partir da implantação deste projeto.

Em primeiro lugar, aguçou nas crianças o gosto pela leitura, a vontade de pegar no livro, ver e sentir o ambiente de contar histórias, a mágica criada nesses momentos. Significou ainda uma possibilidade de aproximação da criança com seu narrador (família e professora).

As histórias permitiram que as crianças aprendessem sobre o funcionamento da sociedade, papéis e comportamentos esperados. Assim, elas encontrarão melhores condições para se posicionarem em relação ao mundo e, durante o faz de conta, exercerem diversos papéis construindo sua personalidade e identidade.

O livro foi um material importante para trabalharmos conteúdos específicos. Com ele pudemos envolver as crianças em situações de aprendizagem, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento infantil.

Conforme relato dos pais/responsáveis o incentivo da leitura em família fortaleceu ainda mais o vínculo entre a família e a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos a educação infantil conseguiu desligar-se do rótulo de assistencialista (só existia para suprir a ausência da mãe) e cada vez mais, vindo sendo compreendida como um espaço de aprendizagens e de descobertas, no qual as crianças podem e devem fazer relações e estabelecer conexões que as ajudarão ao longo de sua vida escolar tornando suas experiências acadêmicas mais prazerosas.

As crianças hoje são vistas com outros olhares. Entendemos que elas são dotadas de direitos e que devemos respeitar suas diferenças, suas crenças, suas estruturas familiares, seus tempos. Devemos ajudá-las exercerem sua cidadania, tornando-se cada vez mais conscientes das suas condições de igualdade, de sua capacidade, desprovidas de preconceitos, enfim, seres humanos com liberdade de expressão, senso crítico, sujeito ativo e consciente de seus direitos e deveres.

A família, no contexto da UMEI na qual realizou-se este trabalho, não é vista como uma intrusa e sim como parceira, que deve ter acesso ao trabalho desenvolvido dentro da escola, para avaliá-lo e ajudar na sua concretização com a criança. Aproximando a família, a escola conhecerá melhor a criança, sabendo de suas dificuldades, seus medos, suas inseguranças, compreenderá melhor as crianças.

Acreditamos que com o apoio e ajuda da família o contato com a literatura desde a mais tenra idade, contribui, para a formação de crianças leitoras. As histórias devem ser contadas não só para aqueles que sabem ler, enquanto habilidade de codificação e decodificação. A criança toma conhecimento do texto escrito ouvindo histórias de livros. Através das histórias, as crianças podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser.

Este projeto reforça a noção de que a educação infantil é parte constitutiva do processo educativo formal, ocupando o centro das discussões educacionais tanto governamentais como da sociedade civil. Devemos cuidar para que não haja retrocessos em relação aos direitos das crianças e aos processos que já foram conquistados. É fundamental que a educação infantil seja compreendida como direito e como um campo em construção.

REFERÊNCIA

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 4ª ed., 1995.

ABRAMOVICH, Fanny. O estranho mundo que se mostra as crianças. São Paulo: Summus, 2ª ed., 1983

BETTELHEIM, R. Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1980.

BRASIL. LEI N 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Setembro de 1996. Editora do Brasil.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, M. M., Rosemberg F. Ferreira, I.M. Creches e pré-escolas no Brasil. São Paulo. Cortez – Fundação Carlos Chagas, 1993 (cap. 1– A Constituição de 1998).

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. A literatura infantil: Visão histórica e crítica. São Paulo: Edart, 2ª ed., 1982.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: Panorama histórico da literatura infantil, juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CONDE, Narriman R. O significado pedagógico dos contos de fadas. IN, *Presença Pedagógica*. Nº 11, v. 2, Set./ Out. 1996, p. 37.

COSTA, Iara Bemquerer. Gêneros Textuais e Tradição Escolar. Curitiba: UFPR, 2005.

CRISTOFOLINI, Glória Maria A. F. Resgate de valores. Curitiba: UFPB, 2008.

CURY, Carlos R. J. A educação infantil como direito. In:BRASIL.MEC/SEF/DPE/COEDI. Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. Brasília, 1998. V.2.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito à diferença? Um reconhecimento legal. Educação em Revista. Belo Horizonte, no 30, dez. 1999.

DALBEN, Ângela I. L. Freitas, Amaral Ana Lúcia, Vieira Livia Maria Fraga, Baptista Mônica Correia e Martins, Pura Lúcia Oliver. Educação infantil: O desafio da oferta publica. Belo Horizonte: GAME/FAE/UFMG,2002.

KAUFMAN, Ana Maria e RODRIGUES, Maria Elena: Escola, Literatura e Produção de Textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KUHLMANN, Moysés Júnior. Infância e educação infantil uma abordagem histórica. Porto Alegre: Meedição, 1998.

ROBERTS, J. M. O Livro de ouro da história do mundo. Rio de Janeiro: Editora Ediouro. 2004.

ROMANELLI, Otaíza. História da educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2003

ROSEMBERG, Fúlvia. Panorama da Educação Infantil Brasileira Contemporânea. Brasília: Unesco, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; SILVA, Ana Paula Soares. Desafios Atuais da Educação Infantil e da Qualificação de seus Profissionais: onde o discurso e a prática se encontram?. In: 23ª Reunião Anual da ANPED, setembro de 2000, Caxambu. Disponível em <<http://www.anped.org.br/23/textos/0707t.PDF>>. Acesso em 08 de setembro de 2010.

SALEM, Nazira. História da literatura infantil. São Paulo: Mestre Jou, 2ª ed., 1970

SILVA, Isabel de Oliveira e. Educação infantil no coração da cidade. São Paulo: Cortez, 2008.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. Educação Infantil em Minas Gerais: o regime de colaboração e o desafio de políticas municipais. In Carvalho, Alysso et al (org) Políticas Públicas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ANEXOS



L A S E B - Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica – 2009/2010.
Grupo: Alfabetização e letramento na educação infantil.
Coordenação: Professora Mônica Correia Baptista
Faculdade de Educação da UFMG



QUESTIONÁRIO

Objetivos do questionário:

1. Caracterizar as famílias atendidas na instituição de educação infantil quanto à condição socioeconômica, práticas culturais, padrão de vida, práticas de leitura e escrita.
2. Caracterizar padrões de comportamento, práticas culturais e acesso a práticas de leitura e escrita das crianças atendidas pela instituição.
3. Apreender as concepções acerca da função social da educação infantil, expectativas em relação à instituição e avaliação do serviço, sobretudo em relação à linguagem escrita.

Questionário com pais ou responsáveis por crianças atendidas em instituições de educação infantil

Nome da instituição de educação infantil: UMEI – Oswaldo França Junior

Telefone: 031 3277 7881

Pessoa responsável: Adriana de Azevedo

Data de aplicação do questionário:

I - DADOS SOBRE A (S) CRIANÇA(S) ATENDIDA(S) NA INSTITUIÇÃO E QUE ESTÃO SOB A RESPONSABILIDADE DO ENTREVISTADO:

1. Nome:
2. Idade: 4 anos
3. Classe: Turma Arca de Noé
4. Educadoras responsáveis: Adriana de Azevedo

Nome da Educadora	Horas de trabalho com a criança	Função que exerce
Adriana de Azevedo	4 horas e 30 MINUTOS	PROFESSORA

II – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO (RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA):

Nome:

Endereço:

Telefone:

Naturalidade:

Nacionalidade:

Endereço (Rua, Número, Bairro, CEP):

Idade:

Estado civil:

Grau de parentesco ou de relacionamento com a criança atendida na instituição de educação infantil:

1. Situação de moradia em relação à criança atendida pela INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

O entrevistado reside:

- () Tempo integral com a (s) criança(s) atendida(s) pela instituição de educação infantil
- () Alguns dias da semana ou do mês, com a (s) criança(s) atendida(s) pela instituição de educação infantil. Especifique a periodicidade: _____
- () Outras formas. Especifique: _____

2. Grau de instrução do entrevistado.

- () Analfabeto
- () Ensino fundamental completo
- () Ensino fundamental incompleto
- () Ensino médio completo
- () Ensino médio incompleto
- () Ensino superior incompleto. Especificar o curso: _____
- () Ensino superior completo. Especificar o curso: _____
- () Pós-graduação. Especificar: _____
- () Outros. Especificar: _____

3. Ocupação profissional do informante

() Está trabalhando:

Caso afirmativo, indique a profissão: _____ e a função:

() Está desempregado.

() Está aposentado.

() Está procurando emprego pela primeira vez.

() Nunca trabalhou e não está procurando emprego.

() É dona de casa.

() Outra situação. Especifique: _____

4. Renda mensal do entrevistado:

() Menos de 5 Salários Mínimos

() Entre 5 e 10 Salários Mínimos

() Entre 11 e 20 Salários Mínimos

() Entre 21 e 30 Salários Mínimos

() Entre 31 e 40 Salários Mínimos

() Acima de 41 Salários Mínimos.

III – DADOS SOBRE A FAMÍLIAS DA CRIANÇA:

A - Pessoas residentes na mesma moradia onde habitam a criança atendida pela instituição de educação infantil:

	Nome:	Idade	Sexo	Grau de parentesco ou tipo de relacionamento com a criança:	Grau de instrução	Ocupação profissional da pessoa que reside com a criança
1.						
2.						
3.						
4.						

5.						
6.						
7.						

B – Grau de instrução do pai da criança atendida pela instituição de educação infantil

- Analfabeto
- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino superior incompleto. Especificar o curso: _____
- Ensino superior completo. Especificar o curso: _____
- Pós-graduação. Especificar: _____
- Outros. Especificar: _____

C – Grau de instrução da mãe da criança atendida pela INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

- Analfabeta
- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino superior incompleto. Especificar o curso: _____
- Ensino superior completo. Especificar o curso: _____
- Pós-graduação. Especificar: _____
- Outros. Especificar: _____

D - Renda mensal da família:

- Menos de 5 Salários Mínimos
- Entre 5 e 10 Salários Mínimos
- Entre 11 e 20 Salários Mínimos
- Entre 21 e 30 Salários Mínimos
- Entre 31 e 40 Salários Mínimos
- Acima de 41 Salários Mínimos.

E - Número de pessoas que vivem da renda familiar:

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro
- Cinco
- seis

- () sete
- () Oito
- () nove
- () mais de nove

F - Bens de consumo durável que a família possui:
(Favor indicar a quantidade).

- () Televisão _____
- () Computador _____
- () Máquina de lavar _____
- () Vídeo cassete _____
- () DVD _____
- () Geladeira _____
- () Carro _____
- () Aparelho de som _____

G - Situação da moradia:

- () Casa própria.
- () Casa alugada.
- () Casa cedida
- () Outra. Especifique. _____

III - ACESSO A INFORMAÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS DO ENTREVISTADO (responsável pela criança)

A - Indique a frequência com que costuma realizar essas atividades, seguindo os critérios a seguir:

1. Nunca.
2. Raramente - três vezes ou menos ao ano;
3. Regularmente – mais ou menos uma vez ao mês;
4. Frequentemente – uma vez por semana ou mais.

- Ir ao teatro: ()
- Ouvir ou contar histórias: ()
- Ir a espetáculos/ shows: ()
- Ir ao cinema: ()
- Ir a exposições ou feiras: ()
- Alugar filmes em locadoras: ()
- Assistir a tele noticiários: ()
- Ir a museus: ()
- Ir a bibliotecas: ()
- Discutir temas da atualidade: ()
- Assistir TV ()
- Escutar músicas ()

- Conectar-se a Internet ()
 - Ouvir rádio ()
 - Outros (). Especificar:
-

B - Indique a frequência com que costuma ler esses portadores de texto:

1. Nunca
2. Raramente - três vezes ou menos ao ano;
3. Regularmente – mais ou menos uma vez ao mês;
4. Frequentemente – uma vez por semana ou mais
5. Muito frequentemente – todos os dias ou mais de uma vez ao dia.

- () Jornais:
- () Revistas:
- () Bíblia, livros sagrados ou religiosos
- () Livros
- () Gibis, revistas em quadrinhos
- () Artigos, mensagens, propagandas na Internet:
- Outros (). Especificar: _____

C – Indique a frequência com que costuma ler esses tipos de texto:

1. Nunca
2. Raramente - três vezes ou menos ao ano;
3. Regularmente – mais ou menos uma vez ao mês;
4. Frequentemente – uma vez por semana ou mais
5. Muito frequentemente – todos os dias ou mais de uma vez ao dia.

- () Romance, aventura, policial, ficção
- () Poesia
- () Livros didáticos
- () Biografias, relatos históricos
- () Livros técnicos de teoria, ensaios
- () Auto-ajuda, orientação pessoal
- () Outros Especificar: _____

D- Você gosta de ler? Caso a resposta seja sim, quem te incentivou a ler?

- () Sim () Não
-

E – Você se recorda dos três últimos livros que leu.

- () Sim () Não

Caso afirmativo, indique o título, autoria ou o tema dos livros.

- () Livros didáticos
- () Livros infantis
- () Guias, listas e catálogos
- () Livros de literatura/romances, contos, poesias, crônicas, documentários
- () Enciclopédias
- () Livros técnicos
- () Outros Especificar: _____

IV – INFORMAÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS DA CRIANÇA

A – Indique a frequência com que essas atividades são desenvolvidas pela criança nos momentos em que não se encontra na escola:

1. Nunca
2. Raramente - três vezes ou menos ao ano;
3. Regularmente – mais ou menos uma vez ao mês;
4. Frequentemente – uma vez por semana ou mais
5. Muito frequentemente – todos os dias ou mais de uma vez ao dia.

- () Assistir televisão
- () Brincar no computador
- () Brincar na rua ou em parques
- () Brincar na casa de parentes ou vizinhos
- () Distrair-se com jogos ou brinquedos
- () Outros Especificar: _____

B – Quando não está na escola, a criança, geralmente, brinca:

- () sozinha
- () com outras crianças da vizinhança
- () com outras crianças da família
- () com adultos
- () Outros Especificar: _____

C – Indique qual ou quais as atividades que a criança costuma desenvolver nos finais de semana:

- () visita parentes
- () passeia em parques
- () vai a clube
- () faz pequenas viagens
- () vai a cinema, ao teatro
- () assiste tv
- () brinca no computador ou vídeo game
- () Outros Especificar: _____

G – Indique qual o tipo de programa mais assistido pela criança:

- Desenho animado
- Programas informativos.
- Programas específicos para o público infantil.
- Telenovelas
- Telenoticiários
- Outros. Especifique:

H - Indique a média de tempo diário que a criança utiliza o computador para jogar, navegar na Internet, assistir programas ou filmes etc:

- menos de duas horas por dia
- entre duas e quatro horas por dia
- mais de cinco horas por dia
- Outros Especificar:

I – Indique a frequência com que a criança manipula ou brinca com esses portadores de textos:

1. Nunca
2. Raramente - três vezes ou menos ao ano;
3. Regularmente – mais ou menos uma vez ao mês;
4. Frequentemente – uma vez por semana ou mais
5. Muito frequentemente – todos os dias ou mais de uma vez ao dia.

- Jornais:
- Revistas:
- Bíblia, livros sagrados ou religiosos
- Livros
- Gibis, revistas em quadrinhos
- Artigos, mensagens, propagandas na Internet:
- Outros. Especificar: _____

J – Indique o número aproximado de livros infantis que a criança possui e que pode acessar diariamente em casa:

- Não há nenhum livro infantil em casa.
- Apenas um.
- Entre dois e cinco.
- Entre seis e dez.
- Mais de dez.

K – Indique a frequência com a qual são narradas ou lidas histórias para a criança em casa:

- () Nunca
- (). Raramente - três vezes ou menos ao ano;
- () Regularmente – mais ou menos uma vez ao mês;
- () Frequentemente – uma vez por semana ou mais
- () Muito frequentemente – todos os dias ou mais de uma vez ao dia.

L – Caso a resposta anterior for sim , que tipo de história é lida ou contada para criança:

- () Calendário e folhinha
- () Contos populares
- () Bíblia, livros sagrados ou religiosos
- () Agenda de telefones/ endereços
- () Dicionários
- () Livros de receita de cozinha
- () Livros didáticos
- () Livros infantis
- () Guias, listas e catálogos
- () Enciclopédias
- () Outros Especificar:

M – Indique a pessoa do grupo familiar que mais frequentemente narra ou lê histórias para as crianças: _____

VI – EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A – Por que o _____ frequenta essa UMEI?
(nome da criança)

B – Cite pelo menos três aspectos presentes no trabalho dessa UMEI e que você considera positivos.

✓ _____
✓ _____
✓ _____

C – Cite pelo menos três aspectos presentes no trabalho dessa UMEI e que você considera negativos.

✓ _____

✓ _____

✓ _____

D – O que você gostaria que o _____ aprendesse ao sair dessa UMEI?

(nome da criança)

E – Marque a opção que você considerar correta.

As crianças devem aprender a ler e a escrever na educação infantil

() Concordo () Não concordo () Não sei () Outra.

Especificar. _____

Retrieved from "<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-educacao-infantil-no-mundo-942990.html>"

1- Nome do livro escolhido: _____

2- Nome do autor do livro: _____

3- Quem contou a história para a criança: _____

4- Qual grau de parentesco com a criança: _____

5- Em que lugar foi contada a história: _____

6- Qual horário a história foi contada: () manhã () tarde () noite

7- Pergunte para a criança se ela gostou da história:

() gostou () não gostou () regular

Por quê? _____

8- Qual personagem a criança mais gostou? _____

Por quê? _____

9- Qual personagem a criança menos gostou? _____

Por quê? _____

10- Quem leu a história para a criança já a conhecia? _____

11- A criança pediu para ler a história novamente? () sim () não



_____/_____/2010.

colors.com

